

116
65934

PARNASO
AMERICANO,
TRIUNFO PANEGYRICO,
QUE EM OBSEQUIO DO MERITISSIMO,
E PRECLARISSIMO SENHOR DESEMBARGADOR
IGNACIO DIAS
MADEIRA,

Ministro com posse na Casa da Supplicação por mercê de S. Magestade, e que o foy na Relação de Goa, e de presente Desembargador dos Aggravos, dignissimo Ouvidor Geral do Crime, Juiz Conservador dos Moedeiros, e do Contrato do Sal nesta Cidade, e Relação da Bahia, e Familiar do S. Officio,

Escreveo, e dedica ao mesmo Senhor

O BACHAREL FORMADO

PEDRO NOLASCO

FERREIRA PERES,

Advogado da Relação da mesma Cidade.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

ANNO M. DCC. XLII.

Com todas as licenças necessarias.

P A R T I D O
A M E R I C A N O
T R I U N F O P A R T I D A N O
Q U E E M P R E S A C O N D U Z E M A R T I S S I M O
I G N A C I O D I A S
M A D E I R A

Ministerio de Fomento de Chile
El presente es un documento que se
encuentra en el archivo de Chile, y es
una copia de un documento original
que se encuentra en el archivo de Chile.
Este documento es una copia de un
documento original que se encuentra
en el archivo de Chile, y es una
copia de un documento original que
se encuentra en el archivo de Chile.

P E D R O N O L A S C O
F E R R E I R A P E R E S
M i n i s t e r i o d e F o m e n t o d e C h i l e



L I S B O A
M i n i s t e r i o d e F o m e n t o d e C h i l e
I m p r e s s o r d e S a n t o O n i l a

Año de 1822
Com. de Chile en Lisboa

AO MERITISSIMO, E PRECLARISSIMO
SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR
IGNACIO DIAS
M A D E I R A,

Do Desembargo de S. Magestade, e seu Desembargador dos
Aggravos na Relação desta Cidade da Bahia, e nella
dignissimo Ouvidor Geral do Crime, e Juiz Con-
servador dos Moedeiros, &c.

ROMANCE ESDRUXULO DEDICATORIO.

S Oberano padraõ do imperio Delfico,
Assombro de Helicon, Heroe magnanimo,
Que no arquivo da Fama sobre os Tropicos
Vosso nome estampais no polo antartico.

Se

*Se acclama reverente o mundo esferico
Vosso raro talento, Solon pratico,
Curto obsequio da Musa o culto metrico
Por brazaõ ache em vós piedades do animo.*

*Aceitay da vontade acções magnificas,
De sombras holocaustos, fumos magicos,
Com que as aras illustraõ dons luctificos,
Do Parnaso soberbo Ethontes rapidos.*

*Se das luzes não são Musas sacrificas,
As que influxos me dão partos venaticos,
Consagro as sombras, porque em cultos licitos
São os fumos do incenso mimos placidos.*

*Não de outra sorte, quando em fumos sordidos,
Se estampaõ as acções de Heroes Atlanticos,
Que a Alexandre pintando Apelles inchyto,
Assombros estampou em negros halitos.*

*Assim, Senhor, em sombras horrorificas
Dedico agora o mal formado cantico,
Que os obsequios descreve panegyricos
Applausos Bahienses, cultos gravidos.*

*Troféos do gosto foraõ celeberrimos,
Elógiõs sataes do beneplacito,
Que agora perdem avultados credits
Na vena pastoril, no metro erratico.*

*Soberbos Anfiões, Orfeos espiritos,
Só dos cultos podiaõ ser organicos,
Que para decantar acções plausidicas
São precisos de Apollo alumnos maximos.*

*Que não concordão bem tonos Bucolicos
Com assumptos Heroicos, troféos albidos,
Porque emprezas no canto ficaõ minimas
Os assombros da Fama, Heroes Titanicos.*

*Mas sendo vós, Senhor, Mecenas fulgido,
Seraõ na vossa luz meus fumos calidos;
Porque escapando assim das sombras criticas,
Nos fumos ardaõ invrjosos satyros.*

*Decantado pintor de Cós attonito,
Imperfeito deixou por fados tragicos
Retrato de Erycina, que os fins ultimos
Nunca pode alcançar a empenhos validos.*

*Musa ignota tambem pintor frenetico
Debuxou rudimentos enigmaticos,
Que às vossas glorias fez applausos infimos
Atrevido Faetonte, Pan salvagico.*

*Bem sey que foy a vossos grandes meritos
Culto imperfeito já, debuxo pallido;
Mas desculpa, Senhor, licença Poetica,
Que só vos pôde descrever os habitos.*

Mas quem será de copia tão pulcherrima
Pintor supremo com pincel Parrhasico,
Se esses Zeuxes da fama scientificos
Com Cytharêa forão pusilanimos?

Só vós de vós, Senhor, sois copia fysica,
Pois para que o retrato seja candido,
Sois vós a taboa, sois pincel autentico,
Pintor seja o pintado em gostos arbitros.

Assim como os Pintores mais sollicitos,
Que na arte se elevaõ mais fantasticos,
Quanto as sombras mais baixaõ melancolicos,
Os resplandores sobem mais enfaticos;

Da mesma sorte puz as sombras solitas,
Ainda por baixo do retrato frastico,
Porque agora lhe deis na altura Celica
Os resplandores seus, brazões Hecaticos;

Pois vós illuminando a copia frigida,
De vós sereis o Prometheo impavido,
Ficando nos padrões da Fama armonicos
Adorado retrato em culto Hierarquico.

Qual em pequeno mapa, breve circulo,
Limitado theatro o globo Atlantico,
Quando aos olhos parece esfera parvula,
Na grandeza se julga sempre maximo.

Assim,

*Assim, Senhor, aceita humilde victima,
Porque em vós tenha amparos Alexandricos,
Deixando nos annaes os timbres liquidos,
Que se applaudaõ do mundo pelos ambitos.*

*Vago Jove dos ares, éco altifono,
Volatil Briaréo, monstro pennatico,
Naõ presuma idear as copias nitidas,
Pois haõ de ao culto ser retratos algidos.*

*Menos se jaçtem literaes Castalidas
Fabricar em applausos Garamanticos
Soberba elevaçãõ com termo Hyponico,
Pois haõ de ser na fórma os padrões languidos.*

*Assim melhor Panegyrista Harpocrates
Só póde ser, Senhor, das copias arbitro;
Porque onde a admiraçãõ se avista implicita,
A vossos pés me sacrificio extatico.*

Pedro Nolasco Ferreira Peres.

Plus que je suis en peine de
Puisque les uns et les autres
Deux se appliquent de même
Puisque les uns et les autres

Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres

Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres

Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres

Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres

Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres
Puisque les uns et les autres

PARNASO AMERICANO,

TRIUNFO PANEGYRICO

EM TERCETOS ENDECASYLLABOS.

1.

NAõ são as armas, e os Varões famosos
Pasmos do Mundo, aßon:bros do Oriente,
Das Musas hoje assumptos gloriosos;

2.

Que para terem fama permanente,
Ficando no valor idolatrados,
Sobrou hum só das Musas Presidente:

3.

Indicos Argonautas decantados,
Que lograraõ no plectro Lusitano
A gloria de ficarem afamados.

4.

Naõ são as armas desse Grego ufano
Terror de Troya, se de Grecia espanto,
Dos Pindos hoje emprego soberano;

5.

Que para ter nos orbes nome tanto,
Foy fortuna em empreza taõ famosa
Sobrar de Homero o celebrado canto:

6.

Ficando assim da ruina lastimosa
 Troya, se só no nome repetida,
 Em os annaes da fama gloriosa;

7.

Pois quando à compaixão move incendida,
 Logra no mundo celebre memoria,
 Dando-lhe às penas outra penna vida.

8.

Naõ a de Eneas fabulosa historia,
 Nem o incendio horroroso de Carthago,
 Ou de Cesar Farsalica vitoria;

9.

Nem já da Babyloñica virago,
 Ou do grande Alexandre alta conquista,
 Saõ hoje assumptos, sendo tudo estrago;

10.

Pois que tiveraõ, porque a fama exista,
 Effes de Mantua, Grecia, Italia, e Roma
 Sabios Orfeos, que em si Parnaso alista:

11.

As letras sim, que por assumptos toma
 Glorias de Pallas fatigada Musa,
 Porque nas letras tantas glorias soma.

12.

Callem da fama os sete, que confusa
 Venera Grecia com geral portento,
 Se Alfeos do Pindo, logros de Arethusa,

Nar-

13.

Narcisos vão em sabio firmamento,
Faer ntes da Castalia presumidos,
Theseos do fado ao Cretico lamento,

14.

Que effes do tempo sabios applaudidos,
Adorados Oraculos de Athenas,
Hoje da fama vem-se descachidos.

15.

Cantem sómente musicas Camenas
As de Minerva soberanas glorias,
Com que se illustraõ as mais sabias pennas;

16.

Que sendo tantas as lições notorias,
Curtos são os epilogos da Fama,
Pois nos escritos sobraõ as vanglorias.

17.

O Heroe só cantem, que de nobre rama
Soube em Dias crescer Madeira grave,
Quando no nome symbolo da chama,

18.

Sendo em flamancias tanto mais suave,
Quanto em igneos espiritos mais claro,
Porque exemplar do Sol o mundo o gave:

19.

Tu pois, Apollo, aquelle ardor preclaro,
Influxo sacro, alento de Hippocrene,
Inspira em tom suave, accento raro.

4 PARNASO AMERICANO.

20.
Seja agora Castalia esta Pyrene,
Porque em novos cristaes faça Aganippe
De ignota Musa o canto mais solemne.

21.
Dessa cadencia rithmos participe,
Para que ao mundo dê meu plectro espanto,
Quando da Fama aos brados se antecipe:

22.
Serey assim em teus cristaes Melantho,
Porque nos teus influxos ache a gloria
De ser o Heroe da fama Heroe do canto.

23.
Heroe do canto Ignacio, acção notoria!
Heroe da fama Ignacio, excelso brado!
Porque ambos são hum só para a memoria.

24.
Heroe da fama agora decantado,
Que na intensaõ das luzes, com que brilha
Igneo Planeta, Sol he do Senado.

25.
Suave Mongibelio, ou maravilha
Dessa lathmia officina de Vulcano,
Que relampagos brota, nuvens trilha;

26.
E nos estragos, que ameaça ufano
Cometa radiante, compassivo
Por evitar o mal, adverte o dano.

27.

Vivente Carça, cujo ardor activo,
Quando mais formidavel, ou violento,
Satisfaz com os fustos o offensivo.

28.

Naõ de outra fórma Ignacio, igneo portento,
Elevado ao Zenith Planeta claro,
Modera as chamas com geral contento.

29.

Oh prodigio fatal ! Oh nome raro !
Pois fica Ignacio em luzes peregrino
Da fama assombro, credito preclaro ;

30.

Porque as chamas trocando mais benigno
Em resplandores de luzidos Dias,
Excede aos louros tronco mais condigno :

31.

Madeira, mas com tantas primazias,
Que em ventagem dos troncos de Iduméa
Merece de Minerva as armonias.

32.

Callem de Jove os troncos, que na idéa
Alvos são do poder, ou da grandeza,
Com que o valor de Alcides se laurea.

33.

Affim callem tambem effes, que preza
Latonio Deos appetecidos cultos,
Gloria de Dafne, de Penéo tristeza.

6 PARNASO AMERICANO.

34.
Nã de Venus se jactem myrteos vultos,
Nem Cyparissos no verdor jucundo
Soberbos deixem de ficar occultos.

35.
Nem o tronco de Arabia sem segundo,
Que outra Fenix nos tumulos da pyra
Nasce apostando durações ao mundo;

36.
Porque nesta Madeira só se admira
Da paz emblema, dos triunfos gloria,
Pois Iris nos effeitos já se mira.

37.
Em eternos annaes assim notoria
Se escreva por illustre esta Madeira,
Porque o nome lhe sirva de vangloria

38.
Assim he bem se exalte, porque queira
Na rama, de que o nome he derivado,
Dar aos troncos memoria verdadeira;

39.
Pois por acções heroicas laureado
Para assombro dos seculos merece
Em bronzes duros ser eternizado.

40.
E a Fama, que seus meritos conhece,
Por gloria da immortal posteridade
Faz as insignias, os diademas tece.

41.

Troféos condignos, premios da vaidade,
 Que para coroar heroicas almas
 Astréa destinou com equidade;

42.

Sendo os estemas invejosas calmas,
 Com que soube illustrar progenitores,
 Cheyo de lauros, e abundante em palmas:

43.

Fazendo-se esses timbres superiores,
 Não pela serie de Romanos vultos,
 Esculpidas effigies dos Mayores:

44.

Sim por meritos proprios, troféos cultos
 De prendas, e virtudes generosas,
 Em que se excede aos mais Jurisconsultos;

45.

Que as alheas memorias prodigiosas
 De virtudes extinctas são vestigios,
 Fenix ao culto, Troyas lastimosas;

46.

Sendo das antigualhas só prodigios,
 Vagas reliquias, cinzas de Carthago,
 Que mal se escapão dos Lethaes Estigios.

47.

Lembrados Briaréos no proprio estrago,
 Que sendo aos olhos do passado estampas,
 Despertadores são do ocio vago.

48.

Em fim objectos, que a funestas campas,
 Quanto mais os reduz violenta Parca,
 Se exaltaõ mais em refulgentes lampas.

49.

Affim nos vultos, que a vaidade abarca,
 Padrões erige raros a escultura,
 Sendo a memoria dos triunfos arca.

50.

Que a gloria não persiste mais segura
 No brazaõ de passadas ascendencias,
 Porque em proprias virtudes se assegura;

51.

Pois não contém mayores preeminencias
 As proezas antigas, que as passadas
 Abonos são às proprias excellencias.

52.

Destes extremos, nobres ascendentes,
 Origem teve illustre em luzimento
 Para Atlante de glorias refulgentes;

53.

Que a toga, que illustrou Patrio talento,
 Timbre de Athénas, premio de Minerva!
 Foy diminuta a seu merecimento.

54.

Glorias são, que a memoria ainda conserva,
 Acertos dos escritos literarios,
 Com que de pleitos decidio caterva;

55.

E neſſes Tribunaes, que forão varios,
Civil proloquio aos erros de Direito,
A's proprias Leys fazia commentarios;

56.

Donde ao Senado Portuense eleito,
Tantos lauros ganhou com ſeus acertos,
Quantas ſentenças deo Juiz perfeito;

57.

Sendo os ſeus votos por conformes certos,
Que em applauſo commum Minos perito
Logrou do vulgo os vivas descubertos.

58.

Aſſim recto, aſſim prompto, aſſim erudito,
Ao Zenith Athenéo da illuſtre Corte
Subio Aguia elevada a ſer finito;

59.

Pois que fazendo fixo o proprio norte,
A voz da Muſa foy, da Fama o brado
Ainda curto pregaõ de tanta forte.

60.

Neſte exemplar do Pindo procreado,
Deſte paſmo dos orbes produzido
Nafceo modello, Alcides afamado;

61.

Sendo Tondella o berço conhecido,
Patrio ſolar, Aurora deſte Dias,
Oriente deſte Sol esclarecido;

Que

62.

Que a ser no tempo antigo, outras porfias
 Dera às Gregas Cidades, que quizerão
 Lograr de Homero patrias primazias;

63.

E foraõ para as glorias, que tiverão,
 Por Ignacio troféos de mais firmeza,
 Que os timbres, que famosas emprendêrão;

64.

Que pois a Homero excede, com certeza
 Fora brazaõ mayor, pois timbres taes
 Se regulaõ do Heroe pela grandeza.

65.

Raro esplendor! Applausos immortaes!
 Pois para Ceo de hum Astro taõ luzido
 Foy por fortuna singular às mais.

66.

Insigne Coriféo esclarecido
 Foy no Athenéo de Lyfia soberano
 Alumno de Minerva enobrecido;

67.

Sendo os cristaes de Achelóo Lusitano
 Influxos de Castalia, onde as Sirenas
 São Cantores Orfeos, assombro ufano:

68.

Logrando assim a Portugueza Athénas,
 Não de Medusa magicos extremos,
 Mas dos rudes Protheos doutas Camenas;

Pois

69.

Pois que no nescio cháos vãos Polifemos,
 Quaes das sciencias vigilantes Argos,
 Linces sabios se formaõ por supremos;

70.

Que crescendo Efialtes annos largos,
 Delficas Aguias, Cisnes Minervaes,
 Sóbem logo ao Zenith dos Desembargos;

71.

Para os quaes là das aulas magistraes,
 Em que saõ Cadmos, ou Deucaliontes,
 Atlantes vaõ aos Regios Tribunaes;

72.

Onde os annos das vidas Aquerontes,
 Sendo nas glorias continuado instante,
 Saõ da memoria bons Timoleontes.

73.

Naõ de outra fôrma Ignacio taõ flamante,
 Clycie de Apollo em sabias armonias,
 Foy de Minerva Adamastor constante;

74.

E assim veyo a exceder ao Grego Bias,
 Que atè se differença em huma letra,
 Porque luza melhor na fama o Dias;

75.

Que essas glorias famosas, que elle impetra,
 Sendo assombros do mundo prodigiosos,
 Conseguio nos licores de Libetra.

Destes

76.

Destes progressos tão maravilhosos
 Jeroglyfico foy na tenra idade
 O genio para empregos estúdiosos;

77.

Sendo tão grande a sua actividade
 Nos primeiros crépusculos da Aurora,
 Que o que era pafmo, foy felicidade;

78.

Pois o disvelo, que os principios córa,
 Na promptidaõ, quando habito se ostenta,
 Os animos por nobres condecóra;

79.

Que quando em verdes annos se frequenta,
 Com os estudos a sciencia cresce,
 E na praxe a virtude se accrescenta.

80.

Por exemplar Alcides se offerece,
 Quando no berço infante, valeroso
 As Junonias serpentes deslvancece;

81.

Porque deste principio prodigioso,
 Inferencia fatal das mais proezas,
 Foy assombro do mundo glorioso.

82.

Esse Campeão do-Ceo, que as altivezas
 Soberbo occulta com luzidos rayos,
 Estampa nos principios as grandezas;

Que

83.

Que esses do Oriente tremulos desmayos
 Indicaõ superiores luzimentos,
 Sendo do seu Zenith bellos ensayos.

84.

Vulcanio desperdicio, dos fragmentos
 Vaga reliquia, quando despedida
 Nos principios inculca os escarmentos;

85.

Pois na pequena framea inadvertida,
 Logo que esta atear-se principia,
 Para voraz incendio se convida.

86.

Affim humana framea se apropriã
 Este ignifero Heroe no Abril dos annos
 Aos luzidos progressos, que annuncia.

87.

Affim seguindo ao Sol cursos ufanos,
 Mostra Ignacio na luz do seu Oriente
 Futuros resplandores soberanos:

88.

Desta fórma, qual Hercules valente,
 Ostenta Ignacio em pueril idade
 Futuros timbres, gloria permanente;

89.

Sendo de tanto Heroe a agilidade
 Em o ardor natural framea flamante,
 Nas luzes Sol, Alcides na entidade.

90.

Mas se he da framea produçãõ constante
 O fogo, e se he do Sol o dia parto;
 Como de Alcides o valor infante;

91.

Sendo Ignacio nas Leys Monarca Esparto,
 Calla de Caco o matador famoso,
 Calla a Fenix do mar, Planeta quarto.

92.

Campania esconde o monte luminoso,
 O seu Ethna Sicilia, Alpe nevado,
 E Vesta os cultos seus no templo honroso:

93.

E sem duvida fora mais culpado
 Prometheo pelo roubo fementido,
 Porẽm nãõ fora com rigor atado;

94.

Porque do nosso Heroe no ardor luzido
 Nãõ ha Troya abrazada, nem Carthago,
 Menos Grego Sinon, ou fera Dido.

95.

Oh puericia feliz! Condigno afago!
 Pois no principio framea, ao Sol impendio,
 Alcides nas acções, luz sem estrago;

96.

Que passando de framea a ser incendio,
 A ser Sol no Zenith luz do Oriente,
 E a ser de Alcides nas acções compendio;

Sem

97.

Sem emulos Alcides he prudente,
 Brilha Sol nos influxos sem luz brava,
 Sem Macedo se ostenta Carça ardente;

98.

E assim das frameas o seu nome grava,
 E do Sol toma pela luz os Dias,
 E Madeira se diz da Herculea clava.

99.

Affim novo Gerião tem trez valias,
 Trimegisto segundo em trez effeitos,
 E em trez nomes Hecáteas ironias;

100.

Pois em terno Arcopago por seus feitos,
 Como a seu Gerião, lhe rendem cultos
 Bahia, Goa, e Corte com respeito;

101.

Porém Ministro castigando insultos,
 Catholico modera as proprias penas,
 Porque sabio convence os mais Consultos;

102.

Qual Mercurio, que Rey na sabia Athénas,
 Famoso Sacerdote em rendimentos,
 E sabio foy assombro das Camenas;

103.

E se de Hecate os nomes são portentos,
 Que Proserpina em chamas, Lua em ares,
 E Diana nos bosques tem assentos;

104.

Preside Heroe por nomes singulares,
 Ignacio o fogo; Dias o hemisferio,
 Quando Madeira aos bosques populares:

105.

Logrando Heroe no Lusitano Imperio
 Geriaõ a toga, as acções Mercurio,
 E Hecate dos nomes o mysterio;

106.

Pois nos cargos, que occupa hoje Decurio,
 Diana no Arcopago se sublima,
 Se Lua aos Moedeiros he tugurio;

107.

Porque para Proserpina se intima
 Na nova Prefectura, novo cargo,
 Que hoje a Fama celebra, o povo estima;

108.

Pois de Perillo cessa o bronze amargo,
 E de Falaris cessa a tirania,
 Porque aos crimes aceita o seu descargo.

109.

Nem daquelles principios se podia
 Esperar deste Heroe mais que progressos,
 Com que a Fama nos écos se gloria;

110.

Pois em dignas acções, raros successos,
 Foy delde a infancia Heroe, que nos acertos
 Vivas comprou do vulgo nos excessos.

Diga

111.

Diga Pinhel os lauros descubertos,
 Que rendeo, quando o teve por Ministro,
 Em cultos raros, em triunfos certos;

112.

Sendo as Delficas aves de Caystro
 Dos obsequios aligeros Misenos,
 Em Coliséos de esferico registro;

113.

Pois em clarins suaves, e serenos
 Trocou a Fama applausos populares,
 Sem no louvor geral haver Celenos.

114.

Affim de tantos cultos para altares
 Capitolios humanos eraõ todos
 Gratos aos seus acertos singulares;

115.

Pois de Astréa seguindo esses apódos,
 Punindo os transgressores dos decretos,
 Os deixava obrigados pelos modos.

116.

Sabio Solon, que a meritos discretos
 Ainda em Pinhel conserva por memoria
 Vivos os cultos, finos os affectos;

117.

Porque trocada em magoa tanta gloria,
 Ficáraõ Capitolios da saudade
 Esses templos erectos à vangloria.

118.

Viventes Pantheões da humanidade,
 Que em incendios de amor, novo Herostrato,
 De Efeso invejas são, pasmo à Deidade;

119.

Pois ardendo Brotheos no affecto grato,
 Empedocles da fama, assombro ufano,
 Foraõ Fenix do amor, dos cultos Batto.

120.

Affim notoria ao Jove Lusitano
 A fama de seus meritos, na toga
 O fez por premio reverente Jano;

121.

Porque deste lugar, a que o proroga,
 Fique o favor por si mais estimado,
 Porque he grata a mercê, que se não roga.

122.

Affim de Goa ao Regio Magistrado
 Ministro eleito, goza Arcopagita
 Lugar na Lysia Corte sublimado:

123.

Devido premio a quem de bom Jurista
 Applauda a Fama em écos repetidos,
 Porque no mundo venerado exista;

124.

Que nesses de Titan berços luzidos,
 Berço, e lugar tiveraõ sempre os Dias,
 Sendo partos do Sol esclarecidos.

Esta

125.

Deſta ſorte no Occaſo, onde a porfias
Exhala o Sol em funebres ſuſpiros,
Suspende o dia as ſuas galhardias;

126.

Porque Clycies ſeguindo os Delios gyros,
São os dias do Sol nos luzimentos,
Os que ſocios o ſão nos ſeus retiros.

127.

Deſte favor, que aos ſeus merecimentos
Fez o Planeta quinto, Sol Auguſto,
Nascem de conſeſquencias argumentos;

128.

Pois quiz com eſte provimento juſto;
Que luzindo eſte Dias là no Oriente,
Tambem no Occaſo não luziſſe injuſto;

129.

Sendo do Regio Sol luz dependente,
Pois com lugar no Oriente tão diſtante
Tem lugar junto ao Sol là no Occidente.

130.

Aſſim Aguia nas luzes mais conſtante
Para ſeguir nos polos ſe ſublima
Os rayos deſſe Sol de Lyſia amante.

131.

Gloria fatal ! Superior enigma!
Pois por buscar a Titan Luſitano
Campos de Thetis a paſſar ſe anima,

Là

132.

Là desse Oriente pelo golfo Indiano
 Parte Clycie do Sol buscando Europa
 Nesse Tauro de Jove, Véllo ufano.

133.

Por páramos de prata, nivea copa,
 Em maquina Pegásea transportado
 Novo Archimedes outra esfera topa;

134.

Pois neste novo mundo (assim chamado)
 Fez Ignacio Zenith, qual Sol, de Astréa,
 Fez este Dias meridial estado.

135.

Neste horizonte, emprego de Amalthea,
 Do Luso Josué parou seu curso
 Obediente às ordens, que lhe idéa;

136.

Que ao supremo Areopago no concurso
 E'aco sabio destinado chega
 Com progresso feliz, raro discurso;

137.

Sendo tanta a inteireza, a que se entrega,
 Que no equilibrio da Justiça recto
 Pondera justamente o que se allega;

138.

E sem que o levê natural affecto,
 Vota constante, julga independente,
 Pois a razão só segue por objecto.

139.

Destá sorte já sabio, já prudente,
Firma, e limita as regras de Direito,
Exceptuando os rogos justamente;

140.

Porque observando o natural preceito,
Bebeo no Lethes as paixões humanas,
Gostou no Loto o natural effeito.

141.

Prendas são as virtudes soberanas,
Dotes da natureza, prendas da arte,
Com que se illustra para acções ufanas;

142.

Pois lhe prestou Pandora por encarte
De Febo influxos, glorias de Minerva,
De Adonis perfeições, valor de Marte;

143.

Sendo as graças do genio, que conserva,
Não lições de Eufrosyna, ou de Thalia,
Nem de Aglaya mysterios, que reserva:

144.

Propriedades sim da mayoria,
Que no nativo impulso da nobreza
Os attributos são da fidalguia.

145.

Excellencias fataes da natureza,
Que foraõ por prototypos da fama
Os incentivos da Real grandeza;

L

Que

146.

Que vendo as atenções, com que se afama,
De tanto Heroe a rectidaõ sublime,
Ao novo emprego, se o destina, chama;

147.

E se de Atlante ao pezo não se exime
Valente Alcides, Argos desvelado
Toma a seu cargo presidir o Crime.

148.

Qual noutro tempo Paranyño amado
Para de Herodes reprimir as furias
Destina o Ceo Espirito abrazado.

149.

Qual Genio alado das Celestes Curias,
Que Argos foy do terrestre Paraíso,
Para evitar de Adaõ novas injurias;

150.

Sendo Angelico Nuncio horror preciso,
Que com arma de Elias a fugida
Lhe fez tomar, tremendo de improviso;

151.

Pagando assim a culpa contrahida
No Paraíso por maçã vedada,
Pois nelle foy Adaõ Paris no Ida.

152.

Qual no Palladio Troya conservada,
De Grecia inveja, se de Pallas gloria,
Foy do valor empreza desgraçada;

153.

Tal foy de tanto Heroe digna memoria,
 Que o Monarca, que a Lyfia predomina,
 Lhe dá do Crime a occupação notoria;

154.

Pois se aos Herodes Anjo se destina,
 Por Querubim das Leys, quando o declama,
 Palladio aos innocentes se illumina.

155.

Iman da Mariposa acceza chama,
 Quando lifonja aos olhos, voraz pyra,
 Na Salamandra seu ardor infama.

156.

Affim Ignacio, que de Iman se admira,
 (Para os culpados chama abrazadora,) 3
 Aos innocentes luz, troféos inspira;

157.

Que abraçar, e luzir foraõ na Aurora
 Virtudes naturaes, que o fogo atea
 No horóscopo feliz, que o condecóra:

158.

Remontado Pyreyco em grave idéa
 Lucina deo em Gordias armonias,
 Dons de Pandora, succos de Amalthéa;

159.

Sendo às luzes de Ignacio effas Harpyas
 Campos de Troya, sombras de Carthago,
 Sonhos de Dido, funebres porfias;

160.

Porque fogoso Elias no Areopago,
Quando vibra o cutello, obra piedoso,
Pois modera o rigor, se não o estrago;

161.

Que nem sempre attributo tão famoso
Cabe, ficando a troco da piedade
Sem praxe a Ley, sem pena o criminoso;

162.

Pois ultrajada Afréa na equidade,
Os remedios da Ley, troféos da pena,
Estimulos seriaõ da maldade;

163.

E dos respeitos, que o rigor ordena,
A ancia muda escandalo aggravante
Faria sacrificio em Polycena;

164.

Pois o termo das cousas importante,
Quando se passa, serve o mesmo excessõ
De Protheo à ruina, ao mal Gigante.

165.

Memoria grande foy, credito expresso,
A magoa das Heliades sentida,
Do Joven Clymenéo raro successo:

166.

Do Dedalio rapaz lembre a cahida,
Que desfeitas ao Sol azas de cera,
Foy de si proprio celebre homicida;

Pois

167.

Pois transcendendo os grãos de sua esfera,
 Apollo se despenha Faetonte,
 E por Icaro Jove se numera;

168.

Que discorde a armonia do horizonte,
 Fixos astros estrellas são errantes,
 E o cristalino Ceo escuro monte.

169.

Destá fôrma as proezas dos Gigantes
 Não seriaõ culpadas contra Jove
 Por serem sobre esbulho acções tocantes.

170.

Nem de Ulysses por odio, que o commove,
 Vingança se tomará a Palamedes,
 Por mais que a culpa no odio se renove.

171.

Menos fora tyrano esse Diomedes,
 Porque de Alcides o rigor sentira,
 Nem perdêra o seu premio Cleomedes.

172.

Tantalo seus cortejos reprimira,
 Clytemnestra ao marido perdoára,
 Nem de Tereo ciuel o Sol fugira.

173.

Seus odios Fedra não sollicitára,
 Nem as musicas rémoras no canto
 O mar Siciliano sepultára.

174.

O Cocodrilo não fingira pranto,
Essa Hydra de Lerna se escondêra,
Tivera fim o monstro de Erymanto.

175.

Contra Latona Pithon não houvera,
Cefenos não fizera essa Medusa,
Nem causára terrores a Quimera.

176.

Naõ violentára Alfeo casta Arethusa,
Nem sentíra Jason chammas vorazes,
Desprezada Medéa por Creusa.

177.

Naõ houveraõ Centauros pertinazes,
Nem Esfinges, Dragões, Syrtes impías,
Nem Megéras, ou Furias contumazes.

178.

Cessára em fim a furia das Harpyas,
Pois no equilibrio deste Heroe famoso
Punem-se os Cacos, não Ifigenias;

179.

Que dos exemplos no temor penoso
Prostrou Genio a rebelde natureza,
Anteo de vicios, pasmo portentoso.

180.

Fugitivos Melantheos da inteireza,
Entregados Acheos, quando encubertos,
Naõ se escapaõ de Ignacio à madureza;

Pois

181.

Pois Cyclopes da culpa descubertos,
 Antipodas da pena temerosos,
 Só nos azylos tem refugios certos;

182.

Porque em mortes de Erigones pasmosos,
 Do Abydo em culpa a Sesto dos rigores,
 Temem na Ley Leandros viciosos.

183.

Regios acertos forão nos clamores
 Estimada eleição de todo o povo,
 Que as fortunas applaude com primores;

184.

Sendo por nova fôrma; estylo novo,
 Solemne a pompa, o jubilo patente,
 Do gosto nuncios, que à lembrança innovo;

185.

Pois na primeira entrada justamente
 Foy unico nas glorias decorosas,
 Foy singular no applauso reverente.

186.

Luzia a sala em sedas primorosas,
 Onde as télas nos panos de Ofir tintos
 Por cores se ostentavaõ portentosas;

187.

Sendo os labores, que dispõem distinctos,
 Tear subtil, pincel superlativo,
 Pasmos à idéa, à vista labyrinthos;

E em

188.

E em vistoso apparato successivo,
 Celestial theatro luminoso
 O auditorio se adornava altivo;

189.

Pois da audiencia em dia venturoso
 Primavera fazião nas paredes
 Labyrintho gentil, Babel vistoso:

190.

Onde podia faciar as sedes
 Flora nos ramos varios de matizes,
 Em que ostentava Abril florentes redes;

191.

Pois no vario das cores, e tapizes,
 E no verde lavor, que à industria deve,
 Tem flores bellas, ramos tem felizes;

192.

Sendo os emblemas de ouro, que descreve,
 Vinculos, com que Abril flores tecêra,
 Porque os primores Tyro só não leve.

193.

Affim resplandecente Primavera
 Por pastas de ouro, laminas de prata
 Ao redor da cadeira reverbera;

194.

E a sede do auditorio se recata
 Com ricas Calecús, galões luzidos,
 Celestes cores mixtas de escarlata;

Sendo

195.

Sendo ao matiz carmins esclarecidos
Incendios de ouro, que no pano mudo
Foraõ com subtileza entretecidos;

196.

Porque de Arachnes no subtil estudo
Lograsssem neste tempo a primazia
Contra a Deosa, que abraça o forte escudo.

197.

Affim tambem gentil tapeçaria,
Fingindo Primavera, Abril pintava,
Porque os ramos com flores confundia.

198.

Alli com Tyro Ofir se equivocava,
E no emprego das cores singulares
Com Amalthea Flora se enlaçava;

199.

Porque das tintas raras não vulgares
Não parecia em flores Flora impropria,
Quando Amalthea flores dava a pares;

200.

Antes equivocadas com a copia,
Pareciaõ as tintas proprias flores,
Disperdicios gentis da cornucopia:

201.

De sorte, que esses floridos primores,
Quaes verdadeiros eraõ, quaes fingidos,
Não discernia a vista entre os labores;

202.

Porque na multidaõ estando unidos,
 Aos olhos enganava o fingimento,
 E a verdade mentia atè os sentidos.

203.

Effes mimos da Aurora em breve alento,
 Melindres da manhã, nevado impendio,
 Serviraõ por obsequio ao rendimento.

204.

Essas febres de amor, real compendio,
 Nas sangrias do Sol pagaõ tributos,
 Quaes Salamandras em seu mesmo incendio.

205.

Esses cristaes da neve substitutos,
 Que os rubis naõ tingiraõ de Erycina,
 Em tanto applauso foraõ resolutos.

206.

As Dianas dos campos, Soes de Egina,
 Arminhos cristalinos na pureza,
 Alli desfazem toda a branca mina.

207.

Esses do prado Principes na alteza,
 Que Adonis saõ dos campos, rubis puros,
 Obsequios alli mostraõ por fineza.

208.

Amantes Aguias, socios mais seguros,
 Gigantes do jardim, ao Sol de Astréa
 Seguem, promptos a serem Palinuros.

209.

Essas flores, que préza Cytheréa,
Desmayados emblemas do ciúme,
Victimas são do culto, horror da idéa.

210.

Esses pequenos Soes, do Febeo Nume
Altivos exemplares, que às estrellas
Direitos sóbem, alli tem resume.

211.

Essas da Rosa invejas, flores bellas,
Diamantes no valor, no ser Boninas,
São do obsequio Perpetuas sentinellas.

212.

Essas Cefysias prendas peregrinas,
Amores de si proprio namorados,
A tanto obsequio se mostraraõ finas.

213.

Essas flores, que em ays campaõ nos prados,
Os seus nomes por cifras estampando,
Deixaõ de ser de Apollo azues cuidados.

214.

Candidos Cisnes, que se estaõ chamando
Saudades do Ceo, quando na terra
Angelicás fragrancias foraõ dando.

215.

Pataratas estranhos de Inglaterra,
Se à vista bellos são, flores sem preço,
Alli se ostentaõ naturaes da terra.

216.

Essas glorias de amor em raro apreço,
 Perfeições de mentira nas substancias,
 Neste applauso se acháraõ de congresso.

217.

Thesouros do jardim, dos prados ancias,
 Na cor filhos do Sol, douradas flores,
 Alli vieraõ exhalar fragancias.

218.

Essas boninas de diversas cores,
 Halitos do ar, exhalações do fogo,
 Suspirando paixões deraõ louvores.

219.

Azeviches, de Ethiopia desafogo,
 Sombras do dia em folhas escondidas,
 Alli se víraõ pelo olfato logo.

220.

Essas flores dos campos conhecidas,
 Do amor inventos, se dos valles glorias,
 Se ostentáraõ no culto as mais rendidas.

221.

Joven Protheo em mutações notorias,
 Que coisa paixão o reverdece,
 Alli na flor mostrou azues memorias.

222.

Esse, que igual ao Sol, e ao tempo cresce,
 Pompa, que tosquida afermosea,
 Em obsequio fragancias offerece.

223.

Outros muitos também, que Abril arrea,
 Mimosas flores, que tem cheiros varios,
 Servindo em copia a vista se recrea;

224.

Que esgotados de Flora os viridarios,
 E de Amalthea despejado o corno,
 Foraõ ao culto todos necessarios;

225.

Pois de applauso taõ justo para adorno
 Dispendeo liberal a cornucopia,
 Despojou-se de flores o contorno.

226.

Desta sorte inundou em tanta copia,
 Que era do portico a lustrosa sala
 Hesperio mimo, inveja de Ethiopia.

227.

Esse Cyprio vergel, que se affinala
 Troféo de Pafos, gloria de Cythéra,
 Por delicias de Venus não se iguala.

228.

Jardim de Hymetto, florecida esfera,
 Theatro de odoriferos primores,
 Não excede taõ grave Primavera.

229.

Verde docel de peregrinas flores,
 Attico valle de fragrancias raras,
 Contém florestas mais inferiores;

Que

230.

Que as gomas de Hybla, massas de Cynaras,
Prantos de Arabia, aromas de Pancaya,
Foraõ das flores producções preclaras;

231.

Pois a Deosa das flores atalaya,
Escolhendo esses Galbanos selectos,
A's fragrancias unio, que Abril ensaya.

232.

Deste modo eraõ floridos objectos,
Da vista enlejos, pasmos do juizo,
Nas paredes Abril, Mayo nos tectos;

233.

E sendo as primaveras de bom viso,
As fez Flora continuas na verdade,
Porque a sala ficasse Paraiso;

234.

Pois a fresca estaçaõ, florida idade,
Nas materias Protheo, nas fórmas Methra,
Huma só se mostrou na realidade;

235.

Sendo das flores, que o tear perpetra,
E das que o Sol produz vergel unido,
Que a idéa admirá, a vista não penetra.

236.

Por cortinas adorno era luzido
A's Niobes das portas, e janellas
Damasco em franjas de ouro guarnecido.

237.

Faziaõ hum docel preciosas télas,
 Que em soberba apparencia luminosa
 Eraõ do Sol luzidas sentinellas;

238.

E formando coroa magestosa
 No centro da que esfera se ostentava,
 Suspensa parecia mais vistosa:

239.

Naõ de louros formada se mostrava
 Premios das Musas, dadivas de Apollo,
 Com que Parnaso aos Aulicos ornava:

240.

Naõ das folhas das arvores, que ao pólo
 Altaneiras se sobem elevadas,
 Glorias de Jove, invejas de Mausolo:

241.

Naõ das de Pallas arvores amadas,
 Na Neptunia contenda produzidas
 Para glorias de Athenas estimadas:

242.

Naõ de Myrtos, ou Heras conhecidas,
 De Bacho producções, de Venus gozos,
 Symbolos de loucuras atrevidas;

243.

Mas dos rubís das flores preciosos,
 Cifras do gosto, emblemas da ventura,
 Em verdes folhas de prazer vistosos;

244.

Delicias, que de amor são sinatura,
 Pois não cabendo nos humanos peitos,
 Nos excessos do culto se assegura.

245.

Centimanos na forma todos feitos,
 Por ser obsequio curto aos seus desejos,
 De Rhamnusia padecem os efeitos;

246.

Pois limitados cultos aos cortejos,
 Ficando diminutas as vontades,
 Os animos sinalão nos festejos;

247.

Que a prodigos dispendios das vaidades
 Não permittio a sala do auditorio
 Mayores pompas, mais solemnidades;

248.

Pois no ornato magnifico notorio
 O remate de tanta bizzarria
 Coroava diadema meritorio;

249.

Sendo a grinalda, que no ar pendia,
 Melhor emprego a Deosa da discordia,
 Que o pomo do Ida, celebre porfia;

250.

E foy dos cultos ultima concordia,
 Porque a coroa tenha de justiça,
 Quem nella sabe usar misericordia.

251.

Suspende, Musa ignota, a voz remissa,
 Que vay o canto teu desafinado,
 De teu ludibrio já certa premissa.

252.

Suspende, porque o som desordenado
 Não sirva de deslustre a culto tanto,
 Não seja em tanta acção porfioso enfado.

253.

Não queiras vituperios por teu canto,
 Porque te avisa Marsias do perigo,
 E Tamiras te mostra novo espanto.

254.

Não subas aos incendios sem abrigo,
 Nem te chegues aos rayos temerosa,
 Nem de saber te jactes, que he castigo;

255.

Porque de Icaro a quêda foy famosa,
 De Factonte o precipicio claro,
 E de Antheo a desgraça monstruosa.

256.

Busca de tanto Heroe sublime amparo,
 Que no seu fogo, luz, sabedoria,
 Seu favor acharás no desamparo;

257.

Que em quanto Ignacio Icaros não cria,
 Como Dias sustem os Faetontes,
 Como Madeira Antheos privilegia.

N o b e h o r m a s s i m

38 PARNASO AMERICANO.

258.

Affim evitarás os Laocoontes,
Criticos Zoilos de Icaros temores,
Segura por faltar o fogo a Brontes:

259.

Affim de Salmonéos duros rigores
Naõ terás, por faltar a Jove o rayo,
Segura de Faetonticos horrores:

260.

Affim dos Perifetas longo ensayo
Naõ sentirás, por ser Alcides brando,
Segura do Gigantico desmayo;

261.

Pois no fogo de Ignacio hirás brilhando,
Da luz de Dias luzes expendendo,
E da Madeira affombros estampando.

262.

Mas se de obsequio tal, culto estupendo,
He curto applauso de teu rithmo o canto,
Indigna tua voz, teu metro horrendo;

263.

Pois do Universo saõ a lauro tanto
Limitados obsequios, curtos brádos,
Seja o pregaõ da Fama ao Mundo espanto.

264.

E tu, Musa, suspende os tons baldados,
Que para teu brazaõ he só bastante
A' vista dos applausos extremados
Mostrar no dedo o corpo do Gigante. *Esse*

*Em applauso do Sapiientissimo Doutor Desembar-
gador o Senhor Ignacio Dias Madeira, toman-
do posse de Ouvidor Geral do Crime na Relação
da Bahia, se offerecem as seguintes Oitavas pelo
Reverendo Antonio de Oliveira Soares, Mestre
em Artes, Examinador que foy de Filosofia dos
Estudos Geraes desta Cidade, e nella Missiona-
rio Apostolico por S. Santidade.*

OITAVAS.

1.

Vendo a Fama que os creditos grangea
Ignacio do melhor Jurisconsulto,
Invoca em seu applauso a mesma Altréa,
Porque lhe dê na sua esféra o culto.
Nas estrellas pertende que se lea
O nome deste Heroe, que (por indulto
Do Augustissimo Rey) de Altréa alcança
A espada em huma mão, noutra a balança.

2.

Os crimes peza igual do delinquente
Para emprego dos golpes dessa espada,
Que a virtude consiste em fielmente
A malicia trazer bem justificada.
Benigno, e recto absolve ao innocente,
Que a bondade mostrou justificada;
Que o Ministro melhor dá sem falencia
Castigo à culpa, premio à innocencia. Por

3.

Por isso Astréa, que da Fama ao rogo
 Faltar não pode, offerece o seu assento,
 Porque tão nobre throno occupe logo.
 Este Heroe do mayor merecimento:
 E se o seu nome indica acção de fogo,
 Elemento, que sóbe ao Firmamento,
 Bem he que nessa esféra alto Palacio
 De estrellas se fabrique ao illustre Ignacio.

4.

Desempenha-se o nome tão famoso
 Na observancia das Leys inviolavel,
 Desterrando delictos luminoso,
 Castigando insolencias implacavel.
 Culpados o respeitaõ poderoso,
 Criminosos o temem formidavel;
 Que se átomos destrõe do fogo o espacio,
 Crimes corrige, e pune o grande Ignacio.

5.

He fogo, que espalhando os seus ardores,
 Ao Sol imita no seu curso inteiro,
 Nascendo sobre os bons com resplandores,
 E sobre os máos com rayos justiceiro.
 Em sua luz ostenta taes primores,
 Que está sempre em Zenith este luzeiro:
 Nunca desce hum só ponto; e nas leys pias
 Noites não tem, são tudo claros Dias.

6.

Os Dias da Real Judicatura,
 Que exercita com tanta madureza,
 Trévas desterraõ, nem ha noite escura,
 Que não converta em dia com clareza;
 Pois sendo fogo, que tem luz mais pura,
 Tanto às sombras se oppõe com inteireza,
 Que os que são de mortaes melancolias
 Para os mãos, para os bons são faustos Dias.

7.

O seu alto, e profundo entendimento
 (Como respeita, e vê toda a Bahia)
 He solido, constante, e firme assento
 Da mais superior sabedoria:
 E segundo discorre o pensamento,
 A luz do Ceo a elle desceria,
 Pois do Celeste Espirito cadeira
 Ser póde o Sapiëntissimo Madeira.

8.

Destá Madeira entendo se formáraõ
 Da Ley as taboas, sceptro às Magestades,
 E para dictar Leys se fabricáraõ
 As cadeiras nas Universidades:
 E como incorruptivel observáraõ
 Ser taõ forte Madeira estas idades,
 Affirmaõ pela Fama pregoeira
 Ser de cedro immortal esta Madeira.

A' sô-

*A' solemniſſima poſſe , que tomou de Ouvidor Ge-
ral do Crime o meritiffimo Senhor Doutor De-
ſembargador Ignacio Dias Madeira na Relação
do Eſtado da Bahia pelo Licenciado Francisco
Xavier Caput.*

CANTO ENCOMIASTICO.

I.

SO'be a Fama a erigir no ſacro monte
Com Apollo da voz ſolio triuñfante,
Aquella, porque voſſas prendas conte,
E eſte na lyra os meritos vos cante.
Bem he que aſſim o applauſo ſe remonte.
Com hum, e outro éco modulante,
Que ſó pulſando Apollo a doce lyra,
Póde a Fama da voz formar-vos pyra.

2.

Neſte das Muſas pois córo armonioſo,
Neſte dos Poetas inçlyto Parnaſo,
Naõ ſey ſe por amante, ou por ditoo,
Qual profeſſo Cantor me achey acaſo;
Donde a Fama com éco imperioſo,
Narrando-me do aſſumpto todo o caſo,
Me manda que com metricas cadencias
Hoje decante voſſas excellencias.

Suf-

3.

Suspensa a minha Musa, e admirada,
 Pertende descrever esta harmonia,
 Pois a Fama me dá penna aparada
 Para emendar os erros da Thalía.
 Por vós a oblação fica de afamada
 Logrando no meu metro a primazia,
 Servindo-me de dita, e não de abono
 Formar-vos do meu verso a Fama throno.

4.

Neste da Fama unico preceito,
 Ao jacto deste amante sacrificio,
 Se Factonte julgo o meu conceito,
 De Icaro lhe temo o precipicio;
 Porém se às suas azas me sujeito,
 Ruinas não receyo ao edificio,
 Pois nesta da obediencia ardente chama
 Alentos me ha de dar a vossa Fama.

5.

Confesso, oh douto Ignacio, nesta empreza
 Conseguir o mais alto privilegio,
 Porque o que parece em mim fineza,
 Em vós he o laurel do impulso Regio;
 E como em throno estais de tal grandeza,
 Por Ministro de lauro taõ egregio,
 Pouco he vos exalte o doce metro,
 Se de lauros vos coroa o Augusto scepro.

Isto

6.

Isto me move em fim, isto me excita
 A dar ao desalento animo forte,
 Pois não he bem que perca a minha dita
 Aquillo, que me outorga a feliz sorte.
 E supposto que a Musa não permitta
 Ser de taõ grande assumpto hoje consorte,
 Ainda que fraca seja a Poesia,
 Pelo assumpto terá mais valentia.

7.

Ainda assim não deixo receoso
 De conhecer em mim o desvario,
 Quando me atrevo só por curioso
 Dos Poetas a offender do metro o brio;
 E sendo que sómente obsequioso
 Me obriga a obediencia ao elogio,
 Querer expor-me vejo que he loucura
 Dos Poetas mais insignes à censura.

8.

Com tudo repugnante à desistencia,
 Me considero nesta consonancia,
 Porque à inopia tambem se dá audiencia,
 Quando se daõ ouvidos à abundancia.
 Com que do vosso applauso a excellencia
 He universal fazer-se na jactancia,
 Pois não lograra as glorias de afamado,
 Se de todos não fosse elogiado.

Con-

9.

Confuso assim, suspenso, e perturbado
 Me vejo a entoar taõ doce accento,
 Confundido o discurso de admirado,
 De nescio vacillante o entendimento.
 Porém se já por força sou obrigado,
 E do amor me sujeito ao rendimento,
 Pois a Fama tal canto hoje me inspira,
 Preste-me Ápollo o metro, e mais a lyra.

10.

Rayo de luz em folio de diamantes
 Vos retrata, qual Sol, todo o affecto,
 Quando por Astro chamas scintillantes
 De Ignacio a Estrella tem por epiteto.
 Planeta sois de influxos mais constantes,
 E quando tanto illustra o vosso aspecto,
 Vos julgo sobre pyras de alabastro
 Rayo, Luz, Sol, Planeta, Estrella, e Astro.

11.

Quando ao Sol imitais no Ceo luzido,
 A todos vossa luz se faz patente,
 Que se aquelle por recto he obedecido,
 Vós sois à rectidaõ muy reverente.
 Promulgue logo a Fama em éco erguido,
 Que quando hoje Planeta sois regente,
 Qual recto Sol do Ceo no vasto espaço,
 Sois vós neste hemisferio, oh douto Ignacio.

O

Com-

12.

Compõe-se o claro dia dos fulgores,
 Que no horizonte ostenta o Sol formoso,
 Pois sem deste Planeta os resplandores
 Se vira o dia hum cháos caliginoso.
 Crescem nas vossas luzes mais primores,
 Se para vós he o Sol mais dadivoso,
 Claro he, pois lograis taes primazias,
 Que em vós do dia a luz se verte em Dias.

13.

Flor vos retrato já mais exáltada,
 Se em vossa rama meritos diviso;
 E se huma admiração he admirada,
 Fallar no admiravel me he preciso.
 Segundo pois de mim foy ponderada,
 Sem que da nota finta o prejuizo,
 De Madeira o politico anagrama
 Me diz que dessa flor admira a rama.

14.

Tronco em verdade he mais admiravel,
 Onde a rama se vê a mais plausivel;
 E sendo della a flor sempre louvavel,
 Lograr fruto melhor será possivel.
 Logo tambem se faz aqui provavel.
 Dar-se ao digno louvor o impossivel,
 Porque à flor, que em tal rama foy producta,
 Fica toda a alabança diminuta.

Aqui

15.

Aqui vos julgo tronco no constante,
 Rama vos considero no frondoso,
 E se flor vos contemplo por amante,
 Fruto vos louvo em fim por dadiofo.
 Sendo tronco, fois rama a mais brilhante,
 Sendo flor, fruto fois mais copioso,
 Porque confesse a Fama por tributo,
 Que fois tronco, fois rama, flor, e fruto.

16.

Jà vem vindo Amalthea, e exhalando
 No luzido da gala mil fragrancias,
 Nas aras do candor sacrificando
 De odoriferas flores abundancias.
 E dellas já tecendo, e já formando
 Da fineza entre liquidas jactancias
 Aos vossos pés das flores o tapete,
 E à vossa mão de aromas ramilhetes.

17.

Com vossa mão a flor mais presumida
 Não sey que tenha mais de aventajada,
 Que quanto em si conhece de luzida,
 Ostenta a vossa mão de realçada.
 Pois se na vara a flor he produzida,
 Pouco he para o dom de venerada,
 Que na vara huma flor vá florecendo,
 Se em vossa mão a vara está nascendo.

18.

Quando vos julgo assim das mesmas flores,
 Na vara admiração tão excellente,
 Como melhor flor vejo nos primores,
 Quanto das flores fois mais diferente.
 Nascer bem pôde a vara em seus verdores,
 E renascer a flor sempre florente,
 Mas em vós a evidencia nos declara,
 Que quando nasce a flor, renasce a vara.

19.

Ostenta no jardim a flor fragrante,
 O seu candor da vara na verdura,
 E o que sorte na flor foy por brilhante,
 Na mesma vara o verde foy ventura.
 A vossa vara fica mais triunfante,
 Pois se vê do candor na compostura,
 Que se o verde he das varas natureza,
 Da vossa he só da flor a candideza.

20.

Rege o Planeta quarto sem segundo,
 As ethereas regiões do Firmamento,
 Já discorrendo os ambitos do Mundo
 Com melhor rectidão no luzimento.
 Cante a voz, oh Ministro tão jucundo,
 Da Fama diga o éco em alto accento,
 Quanto do Sol lograstes a energia
 Já em Goa, já em Pinhel, já na Bahia.

Ago-

21.

Agora se achará com evidencia;
 Quando flor essa vara denomino,
 Que só do gyrafol logra a excellencia,
 Se este inclinar-se ao Sol tem por destino.
 E sendo o Sol tão recto na influencia,
 Com que as luzes inspira tão benigno,
 Gyrafol vossa vara sublimada
 Só às luzes do Sol se vê inclinada.

22.

Foy em Pinhel por certo a vossa vara
 Huma flor primorosa, e mais florida,
 Mostrando pela candideza rara,
 Que pela rectidaõ foy só medida.
 Se flor a vara foy, bem se declara,
 Quando na vossa mão se vio erguida,
 Que se entaõ floreceo vara de fóra,
 De dentro do jardim foy só de Flora.

23.

Sahe o Sol com seus rayos fulminantes
 Dissipando das sombras os horrores,
 Que no Pólo presumem de Gigantes,
 E da terra cobiçaõ mais vapores.
 Aos do Sol vossos rayos semelhantes
 Dissipaõ com acerrimos ardores
 Tanto os vapores densos da cobiça,
 Como as sombras oppostas à justiça.

Com

24.

Com que, douto Ministro, nesta parte,
 Segundo a Fama, já vos considero
 No lauro de Minerva o mayor Marte,
 No laurel de benigno o mais severo.
 Com propriedade pois, e não por arte,
 Digo, quando Planeta vos venero,
 Que só de Marte ao dia dirigida
 A vossa posse foy tão applaudida.

25.

Foy sublime o applauso, assim confesso,
 Cresceo nos corações com demasia,
 Desmandou-se nos cultos pelo excesso,
 Erigio-se nas glorias a porfia.
 Reforçou-se o triunfo no congresso,
 Desvaneceu-se amor na sympathya,
 Porque a todos assim ficasse claro,
 Que sobre posse foy culto tão raro.

26.

Quando o Sol no cerulco pavimento
 Posse chega a tomar do seu Imperio,
 Dos Astros o applaude o luzimento,
 E de luzes se veste o Pólo ethereo.
 As aves lhe consagraõ doce accento,
 Gala as flores no florido hemisferio,
 Das vozes se repetem armonias,
 De clausulas se ouvem melodias.

Vós,

27.

Vós, quando tão feliz posse tomastes,
 Qual Sol, taes elogios conseguistes,
 Que dos mayores lauros vos ornastes,
 E de flores plausiveis vos vestistes.
 Dos corações as victimas lograstes,
 Dos affectos as glorias possuistes,
 Que quando do applauso he digno o objecto,
 He divida a oblação sempre do affecto.

28.

Divida foy do applauso a integridade,
 Se justa a consonancia do festejo,
 Sendo tão singular celebridade
 Gloria dos corações, do amor cortejo.
 Meritos a razão me persuade,
 Pois quando em vós triunfos tantos vejo,
 Claramente a verdade aqui se ajusta,
 Que attenções são da Magestade Augusta.

29.

Attendeo quanto a vara foy florente
 Em Pinhel nessa mão rama florída,
 A seus decretos sempre reverente,
 Ao recto da justiça sempre unida.
 E como o tal candor lhe foy patente,
 Das flores, de que a vara vê vestida,
 A grinalda compõe, com que vos coroa
 Nesse Emporio magnifico de Goa.

E co-

30.

E como aqui brilhastes como planta,
 Sempre de heroicos lauros exornada,
 A graças repetidas vos levanta
 Com a Regia mercê de trasplantada;
 Que quando a Fama encomios vos decanta,
 Porque seja tal planta divulgada,
 Para este Tribunal Americano
 A graça vos repete o Soberano.

31.

Aqui renasce a vara, e flor florece,
 Quando florece a vara, e flor renasce,
 Pois só na vossa vara se conhece
 Ter imperios de flor, de vara a face.
 A flor benigna sempre prevalece,
 E porque a vara então a igualasse,
 Se lograis de benigno os dons egregios,
 Se vê lograr da flor os privilegios.

32.

Por esta razão pois se não exime
 A vossa pia mão do Real preceito,
 Porque a vossa Fama nos intime
 Quanto da Magestade sois aceito.
 E sendo tão precisa para o Crime
 Toda a benignidade no fogeito,
 Só desta vara então vos fazeis digno
 Pelos dotes, que tendes de benigno.

Fique

Do Licenciado 33: *Deus Rebello*

Fique na mente pois eternizado,
 Digno de adorações o vosso objecto,
 Se victimas lhe tem já consagrado
 Em aras da firmeza o nosso affecto.
 Justo he pois que assim immortalizado
 Nas estatuas, que amor vos tem erecto,
 Pois a Fama das prendas he notoria,
 Exista o simulacro por memoria.

34.

Memoravel ficais eternamente
 Nas tradições, logrando a mayor gloria,
 Servindo de tributo permanente
 A Fenix renascida da memoria.
 Assim às atencões será presente
 De vossos dotes inclytos a historia,
 Exardendo perpetua sempre a chama
 Em osécos do amor, na voz da Fama.

Do mesmo

S O N E T O.

E Sfe, que por Planeta he applaudido,
 E das luzes Monarca venerado,
 De flamantes pyropos exornado,
 Do mais regio esplendor obedecido:

Com os sacros indultos de luzido,
 Em scintillantes luzes abrazado,
 Dias ao dia tem multiplicado,
 Annos ao anno tem constituido.

O muy alto Monarca, que Deos guarde,
 Qual Luso Sol dos Astros mais ufanos,
 Ostenta mais que o Sol a actividade;

Por ciba suas por se não exime
 Pois só com seus Decretos soberanos,
 Sem que faça patente a Magestade,
 Augmenta aos vossos dias hoje os annos.

E sendo não precisa para o Compe
 Toda a benignidade no seguinte,
 Só della vosa curã vos facia digno
 Pelos dotes, que sendes de benigno

S O N E T O.

SE Ignacio acções de fogo se interpreta,
Construa a iniquidade esta noticia,
E a espada a seus duélos impropicia
Recee em vossas mãos fatal Cometa.

Os dias climatericos, que affecta,
Infame arbitradora da nequicia,
Em vós cognominados são delicia,
Auroras são, que a dita nos completa.

Feliz auspicio o vosso nome encerra,
E vista desse rayo a luz primeira,
Moyfés segundo sois na injusta terra.

Erguey do zelo a insignia verdadeira,
E veja a sem-razaõ comvosco em guerra,
Que o Libano vos deo essa Madeira.

D E C I M A S.

S Ubir no escudo de Pallas,
 E a vara acender no carro,
 Dar com ella vida a hum barro,
 De Prometheo são as galas.
 Vós, que empredeis imitallas,
 Todo escudado em Minerva,
 Das luzes, que o Sol reserva,
 Tomais tanta quantidade,
 Que animais huma Cidade
 Com toda a magna caterva.

Quem vos vir do Grego ao Lacio
 Esgrimindo a luz do dia
 Com tamanha valentia,
 Logo diz que sois Ignacio.
 Viva Astréa em seu Palacio,
 Como na idade primeira,
 Que ainda que a maldade queira
 Prevalecer, e impedilla,
 Temos para consumilla
 Em vossos dias Madeira.

Nem se fie em ter cabeças,
 Que resurjaõ à porfia,
 Como a Hydra resurgía,
 Depois de desfeita em peças.
 Que se resistindo em pressas
 Poz a Alcides muito inteira,
 Por idéa derradeira
 Das heroicas valentias,
 Ergueo a acabar-lhe os dias
 Outro Ignacio de Madeira.

Pois por nome, e por effencia
 Sois hum espelho a futuros,
 Acorday-vos dos perjuros,
 Que destroem a innocencia.
 Perdoay-me esta advertencia
 Indignamente grosseira;
 Mas se limpais a carreira
 Desta canalha insolente,
 Será proverbio da gente
 Ignacio Dias Madeira.

Do mesmo

MADRIGAL ESDRUXULO.

TU, que do Numen Delfico
 Querendo administrar a chama calida,
 No balfamo te banhas Filadelfico,
 Fatal expugnador da inveja pallida,
 E àquella sobrefaltas, cujos preditos
 Togada neutraliza a Marte os creditos.
 Por credito da toga, oh graõ Febigena,
 Corusca embora a ver se o tempo propero,
 Que só franquea os passos ao magnopero,
 Feliz te acclama indigena
 Do eterno receptaculo,
 Que altar te erige, e te respeita Oraculo.

Ao Integerrimo , e Eruditissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias Madeira , Ouvidor Geral do Crime , pelo Capitaõ Mór João Teixeira de Mendonça , Vereador , e Provedor que foy da Saude da Camera desta Cidade.

S O N E T O.

SE com justo equilibrio hoje puzera
 A sabia Astréa quanto meditára,
 Dessa vossa inteireza entãõ ficára
 Mais ufana a voz , que a encarecêra.

De Aristides inveja vos fizera,
 Quando a Octaviano vos cantára,
 Porque só com louvor vos admirára,
 Quem cabalmente vos comprehendêra.

E posto não caibais no encarecido,
 Fique o vosso louvor no admirado,
 E cesse já de Bartolo o applaudido;

Porque ficando assim, fica julgado
 Todo o louvor de Bartolo esquecido,
 Todo o vosso louvor eternizado.

Do mesmo

SONETO.

A Quelle monstro alado quando canta,
 Mostra o sonoro plectro enrouquecido,
 Que já de encarecer-vos destemido
 Os Pólos corre, e vagabundo espanta.

Ignora pois que louva em gloria tanta,
 Douto Dias por éco repetido,
 A inteireza, que della advertido,
 Com o vosso louvor mais se adianta.

A fôrma orbicular com alvoroço
 O quanto inculca o vosso ser respeito,
 Applauso vos consagra sem sobroço;

Porque a pezar de Megéra, e seu conceito,
 Todo o direito nessa vara he vosso,
 E todo o applauso he vosso de direito.

*Ao meritissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias
Madeira, entrando na vara de Ouvidor Geral
do Crime, pelo Capitão Salvador Pires de Car-
valho e Albuquerque, Fidalgo da Casa de Sua
Majestade.*

S O N E T O.

Ministro excelso invicto, hoje a Bahia
Com jubilos se alegra, e se alvoroça,
Em beneficio da piedade vossa
Se reveste o horror já de alegria.

Do Crime a fatal epidemia
Se desterra, e a paz só se remôça,
Sempre a felicidade será nossa,
Pois o medo, e o susto desafia.

Na rectidão, na prevenção do dano
Lograis hoje da Fama a voz primeira,
Melhor que Celso, Baldo, e Ulpiano.

Alçay pois essa vara tão inteira,
Que a golpes do Monarca Lusitano
Do tronco se cortou dessa Madeira.

Ao preclarissimo, e meritissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias Madeira, dignissimo Ouvidor Geral do Crime, fazendo a primeira audiencia, de hum Anonimo

S O N E T O.

Douto Ministro, sempre generoso,
 Com idéa, e sciencia taõ preclara,
 Que se Apollo quizera cara a cara
 Competir-vos, ficára deslustroso.

Brilhay, Senhor, qual rayo luminoso,
 No crimitico mando dessa vara,
 Castigando a malicia sempre avara,
 Perdoando a innocencia piedoso.

Prefidi pois ao lugar preeminente,
 As partes despachay com equidade,
 Já que sois singular Jurisprudente.

E se vos manda a Regia Magestade
 Administrar justiça por sciente,
 Mil parabens recebe esta Cidade.

Ao Emeritissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias Madeira, tomando posse da vara de Ouvidor Geral do Crime aos 11. de Abril de 1741. com universal applauso desta Cidade da Bahia, pelo M. R. P. M. Valentim Mendes, da Companhia de JESUS, actual Lente de Prima de Theologia no Collegio da mesma Cidade.

S O N E T O.

Quando em lugar vos vi taõ eminente,
 Despertou-me a memoria aquelle dia,
 Em que parou no Ceo com bizzarria
 O Sol com vara alçada, e béca ardente.

Entaõ foy tudo pasmo em toda a gente,
 Ver a luz do Sol, fem trocar a via,
 Ficar suspensa à voz de quem regia,
 Instrumento do braço omnipotente.

A' voz do Monarca Lusitano
 Crescem os dias neste Hemisferio,
 E pára o Sol neste Meridiano.

Com taõ alto, e recto magisterio
 Cresce hoje o Novo Mundo mais ufano,
 Vendo já sinaes do quinto Imperio.

Do mesmo

S O N E T O .

Quem a taõ alto cume vos levanta,
 Como Rey taõ discreto, e soberano,
 Sabe que sois mais sabio que Ulpiano,
 A quem a fama com cem linguas canta.

A vossa rectidaõ ao mundo espanta,
 Pois sendo para todos taõ humano,
 Mudais severo a cara, sem ser Jano,
 Por manter a justiça recta, e santa.

Fundado na razaõ, que he a luz primeira,
 Mostray-vos sempre recto, e inflexivel,
 Sem vos dobrar a parte lisongeira.

Com este predicado taõ plausivel
 Diraõ que a vossa vara he muito inteira,
 Talhada de Madeira incorruptivel.

A posse, que tomou do cargo de Ouvidor Geral do Crime o meritissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias Madeira, pelo Capitão João de Brito e Lima, Cidadão desta Cidade da Serie dos Vereadores.

S O N E T O.

Ignacio, o vosso nome significa
O elemento voraz, que a vista enlea,
Do qual a luz procede, que recrea
A maquina terrestre, e alegre fica.

A chama ardendo, effeitos doces publica,
Se na madeira solida se atea,
Pois se a vista plausivel lisongea,
A hum mesmo tempo abraza, e vivifica.

Fogo, e Madeira sois, douto, e selecto
Ministro, em quem já mais houve interesse,
Procedendo Catholico, e discreto.

Sendo assim justo o cargo se vos desse
De Ouvidor Criminal, pois sois por recto
Fogo, que abraza, luz, que resplandece.

Ao preclarissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias Madeira, condigno Ouvidor Geral do Crime, na primeira audiencia, que faz, pelo Bacharel formado Joaõ de Sousa Tavares, Advogado desta Relação da Bahia.

ROMANCE HEROICO.

M Agistrado immortal, Ministro Regio,
De empregos mais condigno que essa vara,
Pois para tanto merito ainda he pouco
Os empregos de graduacão mais alta.

Luzida Estrella, Astro no Oriente,
De luzido esplendor, de luz taõ clara,
Que ainda depois de illuminar a India,
Na America abundante luz derrama.

Aceitay sacrificios, que entre sombras
Vos dedica esta terra Americana,
Pois naõ póde a oblaçã chegar em luzes
Ao sublime esplendor das vossas aras.

Julgador scientifico, Juiz recto,
Todo este povo com razaõ vos chama,
Ganhando tanta gloria ao vosso nome,
Quantas sentenças nos publica a fama.

Temperando o rigor com a piedade,
Mostrastes sempre nas sentenças dadas,

Que

Que ainda quando as dictaveis com justiça,
 Não sabieis faltar ao amor da Patria.

Soubestes grangear tanto as vontades,
 Que todos vos desejaõ erguer estatuas
 No sempre immortal templo da memoria,
 Para assumpto condigno da lembrança.

Hoje affirm que no novo magisterio
 A nossa expectaçãõ mais se realça,
 Com mais razãõ se nos inflama a gloria,
 Pois para a gloria temos nova causa.

Vivey pois nesse emprego Heroe preclaro
 Annos sem conto, e por idades largas,
 Renascendo das cinzas como a Fenix,
 Renovando das pennas como as Aguias.

O vosso nome chegue ao Firmamento,
 A vossa gloria immortal se faça
 Por todo o Orbe, quanto o Sol illustra,
 Por toda a terra, quanto o mar abraça.

Do mesmo

S O N E T O.

Heroe preclaro, admiração do Mundo,
 A quem por glorias o louvor entoa
 Applausos, que na Fama immortal voa,
 De feres o primeiro sem segundo.

Aceitay desta America o profundo
 Obsequio, que atè o mesmo Imperio atroa,
 Pois vossa fama he tanta, e tanto soa,
 Que pasma o Orbe, e circulo rotundo.

Se pois a expectação he taõ notoria,
 Subí ao magistrado, a que vos chama
 O desejo feliz de tanta gloria;

Porque o applauso nas vozes, que derrama,
 Pública que no templo da memoria
 Vos ha de collocar a immortal Fama.

Do mesmo

ROMANCE.

O Utra vez, sabio Heroe, Lycurgo douto,
 Mal aparada a penna, humilde o metro
 Vos dedica hum applauso em cada rasgo,
 Vos augmenta huma gloria em qualquer éco.

He justo que a oblação assim consagre,
 Estragando entre os cultos o respeito,
 Porque seja o rumor, que vos acclama,
 A voz imperceptivel do silencio.

Se para o vosso applauso he curta a lingua,
 Que mais Panegyrista que o segredo?
 O vosso nome expliquem os desmayos,
 Já que em vosso louvor desmaya o alento.

Excede tanto vosso nome a gloria,
 A vossa gloria tanto excede ao objecto,
 Que empenhado na gloria o amante applauso,
 O nome deixa em duplicado empenho.

Para grinalda dessa fronte douta,
 Madeira singular, Julgador Regio,
 Curtos são do Parnaso os altos louros,
 Inferiores do Libano os verdes cedros.

Pouca lisonja fora a tanta gloria
 O rutilante ouro, o terso argento,
 O sem numero das heras do alto Pindo,
 E a incomprehensivel luz do accento ethereo.

A ser de tinta o mar todo o Oceano,
 Papel limpo o anilado Firmamento,
 O mar em louvor vosso se esgotára,
 Fora o Ceo para vós tomo pequeno.

A penna mais subtil desfalecêra
 No remontado voo, e sem acerto
 O discurso trocára em episodios,
 O que o amor vos tributa em epithetos.

A tanto chega em fim o vosso applauso,
 Que não cabe no mundo por estreito;
 Porque depois de confundir ao mundo,
 Até chega a alterar os elementos.

Por mais que a Fama voe, ainda que rompa
 Essas vagas abobedas do vento,
 Mayor esfêra occupa a vossa gloria,
 Mais gloria encerra em si esse talento.

O mundo pasme, e entre pasmos veja
 A emulação horrivel, e odio immenso,
 Que essa Madeira mais se purifica
 Entre o fogo mordaz dos seus incendios.

Se desse illustre tronco, douto, e sabio
 Essa vara descende por enxerto,
 Doces frutos promete em vossos dias
 Madeira tão florída em nossos tempos.

Sazonados em tudo por assombro,
 Eternamente ficarão illezos
 Da emulação voraz, ardente Estio,
 Do odio impaciente, frio Inverno.

Trez foraõ as maçãs, que suspendêraõ
 Dessa Atalanta o rapido progresso,
 Alêm de outra, que occasionou no Ida
 Entre as Deosas, e Paris arduo pleito.

Se geradas não foraõ no Pactólo,
 Seriaõ no areal do patrio Tejo,
 Ambição triste do avarento Midas,
 Lustroso esmalte do soberbo Cresso.

Mas os frutos, Senhor, da vossa vara,
 Como filhos de tronco tão egregio,
 Haõ de servir de remora aos poderosos,
 Fartar haõ de a ambição dos avarentos.

Retroceder faraõ, como a Atalanta,
 A muitos a intenção do ruim genio,
 Não como Paris sobornando a Venus,
 Mas como independente, e Juiz recto.

Saboroso maná seraõ os frutos
 Dessa vara, e com tanto privilegio,
 Que segundo a tenção de quem os goste,
 Achará no sabor o seu desejo.

A huns haõ de servir de doce ambrosia,
 Haõ de servir a outros de veneno,
 Antidoto para huns seraõ da vida,
 De morte para outros sem remedio.

Em quanto fogo inclue o vosso nome,
 Haõ de todos achar hum tal tempero,
 Que tudo seraõ luzes para os pobres,
 Ethna abrazado para os opulentos.

Rayo invisível para os criminosos,
 Para os sem culpa prospero luzeiro,
 Se para os innocentes Cataõ sabio,
 Para os culpados rigoroso Nero.

Maravilhofo tronco, regia vara,
 Arvore illustre, singular madeiro,
 Em cujos Dias admirando os annos,
 Eternas glorias mereceis ao tempo.

Robusto Alcides, valeroso Atlante,
 Onde descança da justiça o pezo,
 Pois fazendo balança dessa vara,
 Medir sabeis às varas o direito.

Imagem semelhante, copia firme,
 Em tudo sem lisonja, e sem defeito
 Do Desembargador Antonio Dias
 Alves, vosso Pay tronco primeiro.

Nessa copia admira o mundo todo
 Entre pasmos o original paterno,
 Pois sendo o mesmo o original, que a copia,
 A copia, e original ficaõ o mesmo.

Naturalmente unidas as naturezas
 Contra a sabia filosofia vejo,
 Que não implica unirem-se as substancias,
 Se entre si não repugnaõ os fogeitos.

Imagem finalmente sois ao proprio
 Do cristalino, e paternal espelho,
 Pois das luzes daquelle cristal puro
 Sahistes no esplendor fiel reflexo.

Qual gyrafol amante hides seguindo
 Daquelle Sol os proprios movimentos,
 Atè chegares ao throno desejado
 Do mais alto, e sublime magisterio.

Subí pois ao zenith de vossas glorias,
 Que vos convida para tanto premio
 O gosto universal, com que o applauso
 Vos exalta no throno do desejo.

Annos por dias, seculos por annos
 Vivey sempre, Senhor, no Regio emprego;
 Porque fazendo eternos vossos dias,
 Na Fama o vosso nome fique eterno.

Do mesmo

E P I L O G O.

Quem excede nos textos a Cujacio? Ignacio.
 Quem a Aristoteles em Filosofias? Dias.
 Quem sabe administrar justiça inteira? Madeira.

Affim pois desta maneira
 He da sciencia esplendor
 O Regio Desembargador
 Ignacio Dias Madeira.

Ao muito Preclarissimo Senhor Desembargador Antonio Dias Alves, Pay do meritissimo Senhor Desembargador Ignacio Dias Madeira, Ouvidor Geral do Crime desta Relação da Bahia, em parabens de ser Pay de tal Filho, pelo Ajudante Miguel Carnoto Villas-Boas.

SONETO ACROSTICO.

V ceitay parabens, Ministro recto,
 Na offerta desta metrica armonia,
 H ributando os affectos, que à porfia
 O fferecer-vos pôde o meu affecto.
 Na Brasílica Corte o vulgo inquieto,
 I ustamente da maxima alegria,
 O s jubilos mostrou no feliz dia.
 D a posse de Ouvidor o mais selecto.
 I à podeis ter, Senhor, por summa gloria
 A fortuna de haveres merecido
 S er Pay de hum Filho digno de alta historia.
 A ssumpto ao plectro mais subido,
 L udibrio à inveja, bronzes à memoria,
 N elos a Apollo de pezar corrido.

Oitava de Camões na Eglyta quinta da primeira parte das suas Rimas, glossada ao Desembargador o Senhor Ignacio Dias Madeira, tomando posse da vara de Ouvidor do Crime da Cidade da Bahia, pelo M. R. P. M. João de Mello, da Companhia de Jesus, Procurador actual dos prezos das cadeas desta Cidade da Bahia.

A Vós se dem, a quem junto se ha dado
 Brandura, mansidaõ, engenho, e arte,
 De hum espirito Divino acompanhado,
 Dos sobre humanos hum em toda a parte
 Em vós as graças todas se haõ juntado,
 De vós em outras partes se reparte;
 Sois claro rayo, sois ardente chama,
 Gloria, e louvor do tempo, azas da Fama.

G L O S S A.

O Delfico Monarca, cuja arte
 Do Parnaso nas aulas repartida,
 Fazendo opposiçaõ ao bravo Marte,
 He assombro do mundo, e luz do dia.
 De cada huma ordenou que muita parte,
 Pois lha trazeis Ignacio merecida,
 Tiradas por Minerva do seu lado,
 A vós se dem, a quem junto se ha dado.

Junto

Junto se ha dado Apollo, porque vendo
 Em vós os Dias claros, e luzidos,
 Na esféra, que lhe estaveis merecendo,
 Poz as zonas de seus finco sentidos.
 E para que de mais ficasseis sendo
 Hum transumpto dos bens apetecidos,
 Dizem vos concedêra, fóra a parte,
 Brandura, mansidaõ, engenho, e arte.

Com dotes sobre modo relevantes,
 Acerto foy de Astréa nomear-vos
 Para Ministro seu, porque os Gigantes
 Queriaõ nas estrellas levantar-vos.
 Porê m Mercurio, que sabía dantes
 O quanto havia em vós para estimar-vos,
 O cadúceo na mão vos poz alado,
 De hum espirito Divino acompanhado.

Essa vara do Crime, que empunhais,
 Dos Deozes Soberanos he divisa,
 Se a todos na justiça os igualais,
 Que a vós nenhum se iguala nos avisa.
 As sentenças, que sabiamente dais,
 Por cem bocas a Fama eternaliza,
 Assentando que sois na juridica Arte
 Dos sobre humanos hum em toda a parte.

Por certo mereceis que toda a terra
 Repetidos applausos vos dedique,
 Conhecendo que dentro em vós se encerra
 O com que mais se illustre, e nobre fique.
 O vicio da Bahia se desterra,
 Porque a virtude em si se fortifique;
 Tudo com graça tal, que diz o Fado,
 Em vós as graças todas se haõ juntado.

A fortuna bem mostra que empenhada
 Nos augmentos da terra, e mais nos vossos
 Procura eternizar-se acreditada
 Na America em altissimos colossos.
 Por isso a contemplamos applicada
 Em ajuntar em vós meritos grossos,
 Porque achando em vós com que se farte,
 De vós em outras partes se reparte.

Se no terraqueo globo Prometheo
 Existira com o empenho, que tivera,
 No vosso nome a facha, que accendeo
 No Sol, seguramente se accendêra.
 Ignacio fogo he; e quem vos deo
 De fogo o nome na terrestre esfêra,
 Saber fez que do Sol, que em vós se acclama,
 Sois claro rayo, sois ardente chama.

Das Madeiras do Libano melhores
 Cortada a vossa foy por incorrupta,
 Nella descobrem todos mil primores,
 Della prestimos mil a Fama escuta.
 He digna tal Madeira de louvores,
 Do seu grande valor ninguem disputa;
 Todos dizem que he (com voz ufana)
 Gloria, e louvor do tempo, azas da Fama.

Do mesmo Author ao mesmo assumpto.

DECIMAS.

HUma vara vigilante
 Fez Deos ver a Jeremias;
 Outra vi eu nestes Dias,
 Se não igual, relevante.
 Aquella he fama constante,
 Ser Divina, por inteira:
 Sendo da mesma maneira
 A vossa na rectidaõ,
 Porque não direy que são
 Ambas da mesma Madeira?

O ser huma, e outra vara
 Não Civel, porèm do Crime,
 He forçoso que o affirme
 Quem o Texto consultára.
 Na do Profeta encontrára
 De rigor algum sennaõ;
 Mas na vossa vara não;
 Pois de tal modo crimina,
 Que se faz no agrado digna
 De ser vara de condaõ.

O gosto de toda a terra,
 Vendo-vos com vara alçada,
 Nella Foy testemunha jurada
 Do abono, que em vós se encerra.
 Já o vicio se desterra,
 (He cousa por certo rara:)
 Os máos já mudaõ de cara,
 Os culpados todos gemem,
 Porque dizem que vos temem
 Cahir debaixo da vara.

Fogo sois, mas o fogofo
 Dentro de vós se consome;
 Que se sois fogo no nome,
 Sois só fogo no lustroso.
 Como astro luminoso
 Formay do Sol a carreira,
 Porque a Fama verdadeira
 Tem começado a dizer,
 Que só a ha de merecer
 Ignacio Dias Madeira.

Ao mesino assumpto

ROMANCE JOCO-SERIO.

Dizem que a Paz, e a Justiça
Se fizeraõ camaradas;
Acabaremos com bulhas,
Andará quieta a casa.

Dessa concordia feliz
Se querem saber a causa,
Da cadea qualquer prezo
Muy livremente a declara.

Depois que a vara do Crime
Na Madeira branqueada
Se vio alvo dos affectos,
E branco emprego da Fama:

De sorte medio as cousas,
Que andavaõ fóra da marca,
Que em conta, pezo, e medida
As poz com prudencia rara.

Tanto assim, que esta enxovia,
Onde ha gente de má casta,
Sabe, sem mudar de sitio,
Notar do tempo a mudança.

Porque já os criminosos
Dos crimes não fazem gala;

Cada

Cada hum, como quem he,
Se veste, compõe, e traja.

Teme-se todo o vadio
Que o Madeira nelle caya,
Porque he Madeira de Ley,
E as Leys em seu vigor guarda.

Nem a noite turbulenta
Da jurisdicão lhe escapa,
Porque faz das noites Dias,
Quando os escuros aclara.

Com o fogo, que no nome
De Ignacio conserva, abraza;
Mas quem no fogo se mette,
Bem he que o queimem as chamas.

Por final que a hum estudante,
Que aqui comigo se acha,
Ouvi contar huma historia,
Que me não parece fabula.

E se humas cousas com outras
Tem alguma semelhança,
Estas duas para mim
São parecidas nas caras.

Mercurio, entre os Deoses, tinha
Por cadúceo huma vara,
Na qual se achavaõ entre si
Duas cobras abraçadas.

Vejaõ o que faz hum Ministro,
Quando he Ministro de chapa;
Compõe do vicio a virtude,
E do veneno a triaga.

As cobras saõ humas viboras
Peçonhentas, e agastadas;
Mas a vara, que he prudente,
Todas as furias abranda.

Tudo está na maõ, que a rege,
Se he que sabe menealla;
Porque tudo faz a maõ,
Se he de enche-maõ o que a manda.

Os objectos mais ferozes,
As naturezas contrarias
Une, vence, identifica,
Conclue, finaliza, acaba.

Agora pergunto eu,
Ainda às bocas de praga,
Se para fallar tem boca,
Vendo novidades tantas?

Se com razão a Justiça,
E a Paz acamaradadas
Levantaõ ao nosso Ministro,
Mais que a Mercurio nas azas?

Porque se aquella Deidade
Foy de Poetas patranha,

A nos-

A nossa vê-se com os olhos,
Com ambas as mãos se apalpa.

Fique pois por conclusão
Destas premissas tirada,
Que se lia homens para tudo,
Nenhum ao Madeira iguala.

Foy cortado em boa Lua,
Por isso izento de manchas,
Incorruptivel nas obras,
E muy lizo nas palavras.

Capaz de servir em tudo
Ao Lusitano Monarca,
Que espero lhe dê o premio,
Depois de lhe fazer graças.

E aqui finaliza a historia,
Por hum dos prezos contada,
Que para ser verdadeira,
Nem hum átomo lhe falta.

JURISCONSULTISSIMO DOMINO
IGNATIO DIAS
M A D E I R A,

*Olim Indiarum Quæstor integerrimo, nunc Bra-
 siliensis Statûs Criminalium Causarum Cen-
 sori absolutissimo,*

P. JOSEPHUS NOGUEIRA,

Societatis JESU, Primarius Rhetorices Magister,

In æternam observantiæ tesseram

D. V. C.

E P I G R A M M A.

O Lim Gangetis Quæstor devectus in oras,
 Justitiâ Minos Indica regna beas.
 Imperioque tuo vix sufficit Indus habendo,
 Æacus in terris dum æquior alter ades.
 Brasilidum nova sceptrâ petis, quò lumina possint
 Doctrinæ spargi latiùs orbe tuæ.
 Cùm foveas pietate reos, ea jura rependis,
 Pendeat ut mediâ libra bilance tuâ.
 Ac veluti rapido nil purius igne notescit,
 Ipse licèt flammis crimina quæque luat.
 Haud secùs ignitū, quod præfers, nomen in omni
 Te manibus purum buccinat Orbe ducem.

T

Justi-

Justitiamque tuam famæ sic tollit Olympo,
 Altior ut reliquis ignea flamma micet.
 Materiamq̄ foco referas quanquam ipse creando,
 Incorruptibilem quis neget esse Reis?
 Appetit omnigenis Prima hæc inhiare figuris,
 Ut se incorruptam latius inde vehat.
 Multiplici pariter titulo, MADEIRA, vehendum
 Tandem incorruptum Te Lysia ora dabit.
 Crediderim Lysii jamjam angustandus in oris,
 Te Prætor, minor quilibet urbe locus.
 Ut sit in orbe locus, quo possis justus haberi,
 Terra suos fines augeat, unda suos.

Aliud ejusdem Auctoris.

Munia pro meritis ad judicialia surgis:
 Te tamen in plausus tota Bahia vehit.
 Unde ergò tibi tantus honor? Decus unde resultat?
 Unde in Præturam surgere posse datur?
 Mendicanda aliàs nusquam tibi gloria: in altum
 Nec fuit alterius scala paranda manu:
 Ex quo accessisti nobis, MADEIRA, ferebas
 Tecum in honorificos materiale gradus.

Aliud ejusdem.

Desinat Aonio jam pectine fama per orbem
 Jactare è terris profiliisse Deam.
 Nec super æthereum Themis absentata theatrum
 Linquat terrigenûm, nocte premente, plagas.
 Postquam Brasiliæ, Censor, tibi Curia curæ est,
 Orbi Justitiæ clarior orta Dies.

*Ad eundem Laticlavium mense Aprili in Prætu-
 ram assumptum*

Aliud ejusdem.

Quid tibi festivus se præfloraret Aprilis,
 Dum capitale refert quæsta Bahia nefas?
 Florenti nè decet caput exornare coronâ,
 Quod solum in tanto crimine sospes erat?
 An, pede Præturæ imposito, MADEIRA, necesse est
 E' plantis surgant florea ferta tuis?
 Flore subornentur plantæ: te Judice, tantum
 Nemo subornatum dixerit urbe caput.

*Præclarissimo Domino Ignatio Dias Madeira, Ba-
hienfis Curie Senatori integerrimo, Causarum
Criminalium Prætoris munus jure merito
obeunti*

EPIGRAMMA.

Splendidior quondam tanto sub Judice Titan
Eoas meruit nobilitare plagas.
Temperat ardentem eadem nunc dextera tractus,
Inque cruentatos fit tibi cura reos.
Zona rubens tibi sorte datur, cui nulla ruborem
Crimina parturient, dum tua jura ferat.
Omnis enim scelerum fugiet, Te Judice, labes,
Ut nebula aspecto Solis ab ore fugit.
Sol ades; Eous quo tunc rutilaverat Orbis,
Quo ditata modo torrida Zona micat.
Ergo sub ardentis Zonæ si tramite Phœbus
Plus flagrat, ac flamma vividiore nitet;
Lumina, queis niteant omnem tua facta per orbem,
Nostrâ sub Zonâ lucidiora dabis.

DOCTISSIMO, NECNON RECTISSIMO

*Criminalum Causarum Prætori munus suum
primitus obeunti,*

Cujus nomen

IGNATIUS DIAS MADEIRA

sonat

Juris amans det digna

EPIGRAMMA.

HUc, Astræa, veni: Solarem desere Zonam,
Terrestresque iterum læta revile plagas.
Non nostra immeritæ funestant mænia cædes,
Compita nec puro tincta cruore madent.
Omnia jure procul depellit crimina Prætor,
Cui modò fit nocuos plectere cura reos.
Jus amat, ac juris rectè moderatur habenas,
Et quæ deposcit nominis omen, agit:
Juris amans det digna sui, sic nomina poscunt,
Nomine, & accepto munere digna gerit.
Ergo relinque polum, nostros nec despice fines:
Justitiæ est sedes, est ubi *juris amans*.

*Præclarissimo Domino Ignatio Dias Madeira, Ba-
hiensis Curiae Senatori integerrimo, Causarum
Criminalium Prætoris munus jure merito
obeunti*

EPIGRAMMA.

PAnde tuos Urbs alma sinus, amplectere plausu,
 Quem tibi vel Princeps, sūma vel astra ferūt.
 Prætor adest, Jurisq̄ sacras modò carpit habenas,
 Qui tibi ter felix nominis omen habet.
 Ignis enim veluti linguis examinat aurum,
 Ac tantùm impuras flamma resumit opes.
 Sic quoque cognato compar Ignatius igni
 Innocuis parcat, plectet & ore reos.
 Felices, lætosque tuis fore civibus annos
 Portendit, faustos dum ferat ipse *Dies*.
 Materiemque adeò cumulis præbebit honorum,
 Audiat ut gratos ultima terra sonos.
 Sed resonet quanquam laudes vaga fama per orbē,
Materiæ nunquam laus erit ulla satis.

*Præclarissimo Domino Ignatio Dias Madeira, Ba-
hiensis Curiae Senatori integerrimo, Crimina-
lium Causarum Prætoris munus Aprili
mense auspiciatissimè obeunti*

EPIGRAMMA.

FLoribus exultans aperit cùm viscera tellus,
Ridet & in picto gramine veris honos.
Hocce tuum primo referas sub mense tribunal,
Nomen & Aprili duplici jure venit.
Externis huc usque plagis hìc verna notabat
Tempora, Brasiliæ insidiosus agris.
Nunc quoque Brasiliæ mutato tempore brumæ
Ver habet Aprili torrida Zona suum.
Hoc etenim pollens vis efflorescere legum
Auspiciis nostro cœpit in orbe tuis.

*Consultissimo, ac Præclarissimo Domino Ignatio
Dias Madeira, Criminalium Causarum Præ-
toris munus pro meritis obeunti*

EPIGRAMMA.

Venit Erythræo lux consignanda lapillo,
Qua nusquam in terris clarior ulla fuit.
Talia surgenti clarescunt lumina Phœbo,
Cujus sub nomen vel gerit ille *Dies*.
Non eat inficias, quisquis diademate cinctum
Viderit emerito condecorare caput.
Nam quot fila cadunt, radios tot concutit, astris
Plus Ariadnæis digna corona polo.
Cōprobat id munus: mulctat dum crimina Judex,
Nubila de terris luce nitente fugat.
Necnon pro facibus lucescit fascibus, Olli
Vel sit pro meritis lux minor illa suis.
Prospexere Dii terris consultius unquam,
Unquam nec melius consulere Dii.
Nam licèt æquali plures stent lumine Soles,
Dat Leo, dat Cancer, dat Capricornus iter.
Ast huic, cui Themis æqua viā, cuiq̃ integra dextrā
Struxerat, in Libra semper inesse datum est.

Aliud.

EXue, Atlantiades, pacis commercia, virgâ
 Exue nodosas implicuisse feras.

Altera nobilior, factisque decentior extat

Exurgens, populos quæ modò pace beat.

Mittitur è Cœlo mores cæsura ferinos,

Ut lapsæ coeant in sacra pacta manus.

Legibus illa decus cumulat, populisque timorem,

Imbuit & cives moribus illa novis.

Jam non effrænes populus circumrotat enses,

Incola tutus adest, advena tutus adest.

Cogit in ultrices siquos Rhamnusia pœnas,

Nam commota poli tangit & ira Deos;

Eximit à pœnis non aurea virga nocentes,

Non adamantæa copia fusa manu.

Et meritò: populis virga incorruptior ulla,

Hac ex Materie quàm tua facta foret.

Pondere quæ tanto supereminet integra, certè

Duratura ævum crescet in omne tuum.

QUātus iò populi resonat super æthera plausus
 Munera pro meritis debita jure tuis!
 Quisque sibi gratatur ovans, gratatur & urbi,
 Muneris imperium dum tua dextra capit.
 Nam quos invisos olim indignata reliquit,
 En nostros repetit nunc Themis æqua lares.
 Te sedem elegit, meditato examine lancis,
 Ut sancita reis effera damna luas.
 Dextra sit infanti tantum tua parcere velox,
 Quàm propera ad pœnas fontibus ire solet.
 Nec latet hoc populos: imò ferit æthera plausus,
 Otia quòd tutus dulcia civis agat.
 Jure tuas Astræa manus donaverat hastâ;
 Vulnus Achilleo tollere more potes.

Præclarissimo Domino Ignatio Dias Madeira, Criminalium Causarum Prætoris munus pro meritis obeunti

A N T I T H E T O N .

Dum fidis,	plectis,	cōdemnas,	corrigis,	urges,
Justitia,	impietas,	pietas,	Astræa,	triūphus
Te sedem,	terras,	tormētum,	crimina,	justos
Obtinuit,	fugit	minuit,	cōpescuit,	ornat.

*Præclarissimo Domino Ignatio Dias Madeira, Con-
sultissimo imprimis Judici Causarum Crimi-
narium, Prætoris munus auspiciatissimè
obeunti*

EPIGRAMMA.

Arcadium versare Deum quis deneget auras
Terrestres, recto dum regis ore forum?
Nam si tanta tibi dicendi est copia, nullus,
Cui jam te posses consimulare, fuit.
Quanta tibi est virtus, quanta est cōcordia! virgam
Hinc tibi crediderim suppeditasse Deum.
Sed si consurgit geminis caduceus alis,
Evehat his nomen fama sub astra tuum.

Aliud.

S It procul urbe dolor, solitæ sint urbe querelæ,
 Dum pede felici limina nostra petis.
 Crimina si quondam legum compescuit horror,
 Judice sub tanto crimina frænet amor.
 Crimina frænet amor, quanvisq̃ in prælia nomen
 Provocet, in Martem non furor ullus agit.
 Nam cùm sis *lignum*, servabis nomine *flammam*,
 Semper ut accenso robore crescat amor.

*Praeclarissimo Domino Ignatio Dias Madeira, Bra-
siliensis Curiae Laticlavio dignissimo, Prætoris
Causarum Capitalium munus perquam
meritò obeunti*

EPIGRAMMA.

PHosphore conde diem, placidi te pigra Bootæ
Plaustra vehant, tardo lumine ab axe veni.
Solares procul ire rotas, procul ire quadrigas
Ille jubet, melior qui nitet orbe *Dies.*
Conde diem, aurato pateant nec lumine vultus,
Plusquam solares jam patuere *Dies.*
Conde diem: sceleris procul hinc Ignatius umbras
Excutit, & lætos protrahit ille *Dies.*
Conde diem: rectæ dum carpit sceptræ Themistæ,
Unus fert populis integra sæcla *Dies.*
Conde diem: nullos Sol hinc rotet axe nitores;
Unus pro tantis sat nituisse *Dies.*

*Consultiſſimo Domino Ignatio Dias Madeira, Bra-
ſilienſis Curiaſe Senatori laudatiſſimo, Præto-
ris Cauſarum Capitalium munus jure
optimo obeunti*

EPIGRAMMA.

DUm regis emeritas æquali ſorte bilances,
Deficit in laudes uncia nulla tuas.
Latiã crediderim damnato jure Themiftam,
Plectendisque parem te poſuiſſe reis.
Hinc bene donatis gaudent ergaſtula noxis,
Mitiùs inde tuas conſubitura manus.
Sive oneri cedat, ſeu cedat munus honori,
Sunt hæc virtuti pondera danda tuæ.
Sed quæ libra poteſt æquo ſub Judice pendi,
Non valet in laudes æquior ire tuas.

Ao meritissimo Desembargador Ignacio Dias Madeira, tomando posse de Ouvidor Geral do Crime da Relação deste Estado do Brazil, lhe dedica, e offerece o Commissario Geral Francisco Antonio de Abreu de Lima e Alvarenga, Escrivaõ proprietario, e privativo das fianças crimes da Corte, e Reyno na Cidade de Lisboa, e que o soy tambem nas Minas Geraes do Rio de Janeiro da fazenda Real, e quintos de S. Magestade, que Deos guarde, e agora assistente nesta Cidade da Bahia

S O N E T O.

NAsce o Sol entre nuvens de escarlata
 Nesse Oriente gentil com bizzarras;
 E porque mais briozo alegre aos Dias,
 Rayos de ouro sutil de si defata.
 Ignacio pois, que ao Sol imitar trata,
 Quiz com os rayos, que a todos repartia,
 (Por ser fogo no nome) que a Bahia
 Se illustrasse tambem de luz taõ grata.
 E assim ao Zenith mais rutilante
 Sóbe douto a Ouvidor com béca ardente,
 Como Sol a luzir mais radiante.
 Será pois tudo pasmo em toda a gente
 Ver de novo no Orbe em hum Sol flamante
 Predicados de ser Jurisprudente. Do

*Do mesmo Author ao dito Doutor Desembargador
Ouvidor Geral do Crime, fazendo de cadeira
sua primeira audiencia.*

DECIMAS.

DE novo a Musa procura,
Que novo canto profiga,
Dando louvor, que bem diga
Vossa singular ventura.
Com razão, porque se apura
Vossa sciencia, Madeira,
De sorte, que na primeira
Audiencia, que fizestes,
Mostrar às partes quizestes,
Que fallaveis de cadeira.

Mas que muito, meu Doutor,
Se visse em vós tal portento,
Se fallais sempre de assento,
Seja a materia a que for?
Naõ gratuleis o louvor,
Que vos dey sem ironia;
Pois só a vós pertencia
O lustre dessa cadeira;
Porque sendo de Madeira,
Per raça vos competia.

E se por raça, Senhor,
 Lograis grandeza tão rara,
 Será prodigiosa a vara,
 Que tendes de Ouvidor.
 Excedereis com primor
 A's mais todas sem igual,
 Que he sciencia experimental,
 E certa sem arguencia,
 Que já mais tem competencia
 La fuerça del natural.

Em fim acabo, Madeira,
 O metro, que decantey,
 Que (posto que tarde) achey
 A Musa avara, e rasteira.
 Sua mercê porêem queira,
 Que quando por mal limada
 A Musa faya culpada,
 Pague o mal, que delinquo,
 Pois criminosa cahio
 Debaixo da sua alçada.

F I M.